Em homenagem ao Cientista Dias da Rocha

Zenilo Almada Rodrigues

Ilmo. Sr. Luís Carlos Santos Melo – Venerável Mestre da Loja 72 – Francisco Dias da Rocha

Ilmos. Irmãos que hoje tomam parte da sessão.

Meus Senhores, Minhas Senhoras.

Quero neste instante invocar a presença do Grande Arquiteto do Universo, para nesta magnífica noite do dia 25 de Maio, contar com Sua iluminada presença, e, usar cinzel e compasso observado por um Delta Luminoso, para assim ter a subida honra de falar em nome da minha família, unindo-se à Família Maior em Cristo, dizer-lhes despretensiosamente e sem biografismo, mas de forma íntima e comovido aligeirados traços biográficos do meu tio-avó padrinho amigo Francisco Dias da Rocha – o Prof. Dias da Rocha.

Nasceu o Prof. Dias da Rocha em Fortaleza, na Rua Amélia hoje Senador Pompeu nº 505, defronte ao prédio onde funcionou a Imprensa Oficial, hoje SEFAZ – Secretaria da Fazenda, esquina da Rua Sen. Castro e Silva, antes Travessa da Flores/Rua Manoel Bezerra, no dia 22 de agosto de 1869, portanto há quase 124 anos.

Filho do negociante português Joaquim Dias da Rocha, natural de Lamego, que chegou ao Brasil em 1861, e de Francisca de Paula Dias da Rocha, natural da cidade de Maranguape – Ceará.

Avós paternos: Dr Maximiano Dias da Rocha, dos Dias da Rocha de Lamego – doutor com borla e capelo, professor de filosofia e latim no antigo Colégio da Formiga na cidade do Porto, onde dirigiu como Diretor por alguns anos.

Como fazia parte da ala Miguelista da Universidade de Coimbra, com a vitória de Pedro IV, fugiu para Inglaterra, voltando após a revolução constitucional do reino, em 1820, obtendo por concurso público como lente, as mencionadas cadeiras na cidade do Porto; e, Maria José Pinheiro Chagas, filha do antigo farmacêutico do Porto, Manuel Pinheiro Chagas, tio do escritor do mesmo nome e do Embaixador João Pinheiro Chagas.

Avós maternos: Professor Francisco de Paula Cavalcanti, dos Moura Cavalcanti do Icó, transformando-se mais tarde, em comerciante na cidade de Maranguape, vindo a falecer em Fortaleza, na casa de seu parente, Padre Carlos Martiniano Peixoto de Alencar, cura da Sé, morador na casa de esquina nº 493, da Rua Conde D'Eu, antiga Rua dos Mercadores; e, Cosma Rufina de Pontes, filha de Manuel de Pontes Franco, de São Bernardo de Russas, filho do açoriano da Ilha de São Miguel, Manuel de Pontes Franco e Custódia Barbosa de Gratisman, e Bárbara Úrsula das Virgens, filha do Sargento Mor José Pimenta de Aguiar e Vicência Gomes Barreto.

Estudos: Iniciou seus estudos em 1880 nos colégios S. José e Atheneu Cearense, até 1886, quando em companhia de seu pai Joaquim Dias da Rocha, viajou à Europa, a especialmente conhecer seus avós, tios e parentes em Portugal, regressando somente no ano seguinte. Tinha muita inclinação para carreira de medicina e era seu propósito completar os preparatórios e cursar Medicina em Portugal, cujo sonho não realizou a conselhos do pai, que via nele como filho morgado o continuador de seu estabelecimento comercial Dias da Rocha & Cia., situado na Rua Major Facundo nº 223, antiga Rua da Palma, esquina com a Rua Senador Alencar, onde hoje se ergue o Edifício Jangada.

Mesmo conhecedor do progresso do seu pai, e participando na sociedade de uma empresa de secos e molhados, com importados da Europa, não tinha inclinação para a vida comercial, o que lhe causava certo constrangimento.

Assim, passou a dedicar as horas que lhe sobravam às leituras das ciências naturais e a aquisição de especimens da fauna e da flora cearense, obtendo de seu pai o consentimento de organizar as primeiras coleções na própria residência da família, uma casa de esquina à Avenida Tristão Gonçalves – antiga Rua do Trilho (frente), com Rua São Paulo (lado norte).

Como bem acentua Barão de Studart quando diz:

> *"Em 1898, deixando o comércio entregou-se completamente aos estudos das ciências suas prediletas, e tomaram tal incremento suas coleções, que organizou um valioso museu a que deu o nome de "Museu Rocha", o qual se compõe de secções: Botânica, Archeológica, Mineralógica e Zoológica e um jardim com coleções de Fougeras, Cactáceas, Aráceas Cearenses e de muitas outras plantas.*

Para maior divulgação das raridades, que possuía, e como instrumento de estudo deu início à publicação do Boletim do Museu Rocha. O primeiro número dessa interessante publicação, corresponde a Janeiro, foi impresso nas oficinas do Cruzeiro do Norte, editora e Livraria Araújo e distribuído a 6 de junho de 1908." BARÃO DE STUDART – Dicionário Bio-Bibliográfico Cearense – pág. 292/293.

Para melhor conhecimento, o Museu Rocha se instalou na Av. Tristão Gonçalves nos prédios 157, 161, 167, imóveis adquiridos por seu pai, aberto, por iniciativa particular, à visitação pública aos domingos, sem que para isso tenha recebido dos órgãos públicos quaisquer subvenções para a manutenção ou aquisição das coleções.

Obstinado pelas ciências naturais, passou a se corresponder com os grandes centros científicos do mundo, o que veio credenciá-lo como sócio efetivo dos mais afamados centros de estudos científicos da Espanha, França, Inglaterra, Estados Unidos e outras partes, bem como no Brasil – do Instituto Butantã – Osvaldo Cruz. Ainda se correspondia com H. von Ihering, A. Lutz de São Paulo, Hermann Christ e Augusto Florel da Suíça, Professor Hennings de Berlim, Howard Coquillet, Pergand e Ashmead de Washington, A. Fauvel e A. Grouvelle da França.

Sendo o primeiro neto de uma única filha, recebeu grande influência à farmacopéia por informação de sua avó Cosma Rufina de Pontes que tinha algum conhecimento no emprego das ervas medicinais, como mezinhas, tudo aliado à mente premonitora e intuitiva própria de seres privilegiados.

Principiou seus estudos de botânica classificando e comparando suas classificações à de outros estudiosos, chegando a determinar outros especimens firmando-se dentre os principais botânicos do Brasil, notadamente no estudo das plantas regionais.

Paralelo a tudo o Museu Rocha se desenvolvia a largos passos, após, se ter retirado da sociedade da Firma Dias da Rocha & Cia., dedicando-se com mais percuciência aos estudos das ciências naturais.

Assim outras coleções foram se agrupando às já existentes como ictiológicas, entomológicas, conchiológicas, mamaliogia, machado de pedra – com 850 exemplares, considerada a maior coleção da América do Sul.

Vários foram os depoimentos de estudiosos e cientistas que por aqui passaram, os quais tiveram sempre palavras de incentivo, encorajamento e louvores à obra de Dias da Rocha.

De sua época dentre eles o Dr. Arthur Neiva, Dr. Henrique Alencastro Autran, Dr. Carlos de Paula Couto, Antônio Bezerra de Menezes (profundo conhecedor da História Natural), foram unânimes por afirmar ocupar o Museu Rocha o Terceiro Museu do Brasil.

Após 60 (sessenta) anos de sua fundação, foi o Museu Rocha desapropriado pelo Governo do Estado do Ceará, subdividindo suas coleções, destinadas a diversos Órgãos do Estado como Secretaria de Agricultura, Escola de Agronomia do Ceará, Instituto de Educação Justiniano de Serpa, onde hoje se reorganizou o Museu Prof. Dias da Rocha, a cargo da ilustre professora Adelides Arrais.

Dentre outras publicações, "O Ceará", edição de 1945, às fls. 420, divulga amplo trabalho do Professor Dias da Rocha, sobre a mamália cearense, determinando os mamíferos do Ceará, por ele classificados.

Também se verifica às págs. 366, de "O Ceará" , o Professor Dias da Rocha ocupava a cadeira nº 11 do Instituto do Ceará desde 20.03.1944 e é patrono da cadeira ocupada pelo Dr. Osvaldo Riedel, na Academia de Farmácia.

Por ocasião dos seus 90 anos, a Gazeta de Notícias publicou no dia 30 de agosto de 1959, longa reportagem de Nelson Lessa quando conclama:

> *"Dias da Rocha: Vida de cearense para a ciência. Com quase um século de existência o notável mestre ainda pesquisa, fala inglês corretamente e se corresponde com colegas de outros países. Um pouco da história do professor que foi mestre e aluno ao mesmo tempo.*
>
> *Pouca gente sabe que no Ceará se encontra ainda vivo, lúcido, trabalhando pelo bem da humanidade, das plantas, dos animais irracionais e da história, um cientista nonagenário... Francisco Dias da Rocha, nome respeitável, conhecido mundialmente, completou semana passada 90 bem vividos anos.*
>
> *Sua história é um patrimônio da terra cearense, autêntico exemplo para essa geração já quase desiludida que*

aí temos. É toda uma vida dedicada à ciência, aos livros, ao saber. Muito fez por sua terra. Talvez porque não pedia, nada recebeu em troca. Não tem queixa dos seus semelhantes, do poder público acha que não podia ter mesmo... Apesar de toda a sua cultura, da imensidão do seu saber, é humilde. É homem realizado na acepção mais clara do têrmo...".

Ainda no Correio do Ceará – Edição de 02 de setembro de 1969, o Professor Francisco Alves de Andrade escreveu sobre o centenário de Dias da Rocha, bem como na cerimônia de inauguração do monumento na Escola de Agronomia da Universidade Federal do Ceará, assim se expressou:

... "Em 1884, com apenas 15 anos iniciou a coleta do Museu Rocha, todo ele trabalho seu, aqui no Ceará, considerado então o maior Museu particular do Brasil.

A partir de 1898, Dias da Rocha deixa as atividades comerciais para dedicar-se exclusivamente às ciências naturais.

O modesto comerciante, criador do Museu Rocha se fizera conhecido do mundo científico, foi um pioneiro nos conhecimentos dos recursos naturais da terra cearense.

Decidindo-se por um mundo mental inteiramente diferente daquele em que viviam mergulhados os seus contemporâneos, Dias da Rocha firma entre nós uma espécie de consulado dos interesses internacionais da ciência dos reinos da natureza.

Volta-se para a cata de pedras, de plantas, de animais, de curiosidades antropológicas indígenas. Escreve e recebe cartas travando relações amistosas com os naturalistas mais afamados na Europa e nos Estados Unidos. Entende-se habitualmente com todos eles. Suas relações eram mais amistosas com H. von Ihering, A. Lutz, Hermann Christ, Augusto Foral, na Suíça, Prof. Hennings de Berlim, Howard, Coquellet, Pergand e Asmead, de Washington, A. Fauvel e Grouvelle, da França. Faz permuta de espécimes das suas coleções com outras daqueles naturalistas. Envia a estes exemplares não conhecidos da fauna cearense. E seu sobrenome é visto determinando novas espécimes com que

sábios do mundo reconheciam a sua afanosa dedicação...".

O Boletim da Sociedade Cearense de Agronomia – Vol. 5 de junho de 1964, publica excelente trabalho bibliográfico do cientista Hitoshi Nomura, da Estação de Biologia Marinha – Universidade do Ceará, no qual descreveu com muita propriedade a vida e obra do Professor Dias da Rocha, em estudo que denominou:

"Um grande naturalista cearense: Francisco Dias da Rocha."

Dias da Rocha – era um autodidata

Em 1916 uma pleiade de estudiosos cearenses, já formados por faculdades do sul, deram início a criação da Faculdade de Farmácia e Odontologia do Ceará, e nesse momento o Prof. Dias da Rocha foi chamado para compor como fundador e professor daquela Escola, lecionando Botânica Aplicada à Farmácia e História Natural e, ao mesmo tempo fazia o curso de farmácia, como aluno.

Professor Dias da Rocha, um dos fundadores da Escola de Agronomia do Ceará

Em 1918, mais uma vez, congrega-se com novo grupo para fundar a Escola de Agronomia do Ceará, onde foi seu segundo diretor e professor de Fitopatologia e Botânica, recebendo mais tarde em sua homenagem, o Centro Acadêmico Dias da Rocha o seu nome e, em seguida por iniciativa de seus ex-alunos, a herma no pátio da Escola de Agronomia, em homenagem aos seus 90 anos.

Publicações

Em 1900 – iniciou a catalogação das raridades do Museu Rocha, publicando o 1° Boletim do Museu Rocha em 1908.

Em 1919, publicou a primeira edição do terapêutico indígena com o nome de Botânica Médica Cearense, ocupando-se de 166 espécies de plantas nativas.

Em 1945 publicou **Formulário Terapêutico de Plantas Medicinais Cearenses, Nativas e Cultivadas**, enumerando 421 espécies nativas e 70 cultivadas, sendo considerada hoje obra inédita.

Vale salientar que dentre outras coleções existentes no Museu Rocha, a de machados de pedra em número de 850, era a maior da América do Sul, seguindo-se a de peixes, fósseis, mineralogia, entomológica, conchiológica, arqueológica, paleontológica, peças de igaçabas, camocins e uma variedade incalculável de objetos indígenas, compreendendo: colares, arco-flecha, cachimbo, adornos de penas, utensílios.

A Família

Casou-se em primeiras núpcias com **Leopoldina Caracas (Lezinha)**, filha de José Pacífico da Costa Caracas e Ana Felícia de Lima Caracas, grandes cafeicultores na Serra de Baturité e Guaramiranga. Tiveram quatro filhos – Dr. **José Euclydes Caracas** – Engenheiro Civil, casado com Ana Gouveia Mota Caracas. Filhos: Hélio e Heliana Mota Caracas; Dr. **Joaquim Hélio Caracas** – Promotor Público em Fortaleza, casado com Dolores Gonzaga Caracas. Filhos: Anésia Caracas Garcia e Nirena Caracas Madruga: **Lauro Aluísio Caracas**, pecuarista, casado com Lucila Sampaio Caracas. Filhos: Tereza Norma, Carlos Eduardo, Cândida Felícia, Cláudia Helena e Sandra (fal.); **Francisco Nelson Caracas**, funcionário público, casado com Alaíde Sampaio Caracas. Filhos: José Leopoldo, Heloísa Helena, José Henrique, Maria José, José Airton, José Euclides, Maria de Lourdes e Maria de Fátima.

Casou-se em segunda núpcias com **Gualterina Campos de Alencar**, filha de Gualter Correia de Alencar e Joaquina Tavares Campos. Tiveram uma única filha Maria das Dores, que faleceu 40 minutos após o nascimento.

São seus irmãos:

– **Alena Dias da Rocha, Victória Dias da Rocha, Joaquina Dias da Rocha (Quinota), Alice Dias da Rocha, Maria Dias da Rocha, Maximiano Dias da Rocha, Joaquim Dias da Rocha (Quincas), João Dias da Rocha, José Dias da Rocha, Cecília Dias da Rocha e Eurico Dias da Rocha**, todos falecidos.

Dias da Rocha e a Maçonaria

Na realidade não foi possível precisar a Loja e a data do seu ingresso na Maçonaria. Entretanto Dias da Rocha em palestra com a família citava constantemente dentre o rol de seus amigos, os médicos Antônio Justa, Álvaro Otacílio Nogueira Fernandes, Engenheiro Couto Fernandes, Teófilo Cordeiro, Francisco Sabóia, Farias Brito, Gontran Nascimento, o que dá-nos certa impressão de pertencer à mesma Loja Liberdade IV, antes de fundar a Loja Porangaba, à qual fez doação de terreno onde se ergue hoje esse magnífico Templo.

Dotado de espírito muito reservado, mantinha sigilosamente tudo quando lhe era confiado, evitando por vezes tecer comentários sobre coisas e pessoas advertindo-as sempre da sua imparcialidade, dando-lhe assim a serenidade das pessoas que se abstraem do cotidiano para contemplar e pesquisar os fenômenos da natureza. Com isso não se quer afirmar tenha sido ele um tipo etéreo ou dispersivo. Dotado de uma observação muito aguçada aliada à premonição sensitiva, que deram-lhe sobeja satisfação no campo da pesquisa do mundo científico.

Essencialmente metódico, convicto dos seus princípios e seguro no seu ponto de vista, não criava arestas com outras pessoas, porque uma vez formado o seu convencimento tornava-se irreversível e, quando tinha a certeza do verdadeiro nada importava o que dele os outros pensassem.

Sério mas sem a sisudez do ensimesmado era polidamente afável de coração, evitando participar de fatos que pudessem vir a comovê-lo e sem que pudesse chegar com sua inesgotável assistência filantrópica.

De hábitos morigerados era comedido e para tudo obedecia horário.

O dia a dia do Prof. Dias da Rocha

Levantava-se às 5:30 horas e fazia suas primeiras orações. Às 6:00 horas tomava seu café – uma refeição um tanto frugal sem ser monástica. Dirigia-se ao jardim às 6:30 horas, para observar as plantas, flores no seu desenvolvimento, acuidade própria do reino para que foi por Deus predestinado a conviver, o que lhe dava a mais íntima satisfação, comparada com a de quem acompanha o

crescimento de uma criança... Entrava no seu gabinete às 8:00 horas para por em ordem a sua correspondência, lia jornais e examinava documentos que estivesse a preparar. Precisamente às 9:00 horas, ao toque da sineta, sentava-se à mesa para o almoço, no qual não demorava mais do que 30 minutos.

Quando exercia as atividades como Professor das Escolas de Agronomia e Farmácia, após o almoço era esse o espaço de tempo reservado para ministrar suas aulas. Já aposentado dedicava parte do tempo para correspondência, receber amigos, ir à cidade para resolver seus pequenos negócios. Às 14:30 horas o jantar era servido de uma ligeira refeição acompanhada de sobremesas. No intervalo das 15 às 17:00 horas estudava, preparava aulas, recebia visitas, ia ao comércio, tudo isso previamente programado.

Depois de aposentado limitou-se a ler, rever amigos no centro, comparecer às sessões do Instituto do Ceará do qual era membro efetivo. Às 17:00 horas atendia gratuitamente em seu consultório homeopático crianças pobres, receitando-as e ajudando-as muitas vezes na compra das homeopatias. Às 18:00 horas uma ligeira ceia para às 20:00 horas cerrar as portas de sua casa na Rua 24 de maio nº 214, onde morou por mais de 60 anos.

Finalmente, ilustres Irmãos, nesta inesquecível e memorável noite aqui presentes, trago-lhes com a mais profunda fraternidade traços bibliográficos de um Irmão, que deste Planeta partiu no dia 26 de julho de 1960, aos 91 anos, para o Mundo Maior, deixando à sua família, parentes, amigos e irmãos, um legado de sua compreensão, amor ao próximo, desprendido das coisas terrenas, mas acima de tudo um devotado às ciências naturais que fizeram de sua vida expressão maior por perquirir um mundo que parecia insondável para os conhecimentos de um autodidata, tornando-o mais tarde mestre das ciências que tanto amou para merecer hoje o galardão que este Templo Venerável agora outorga, como prova de reconhecida gratidão aos serviços prestados aos nosso irmãos e à humanidade.

Que seja também esta noite um bom presságio do Grande Arquiteto do Universo e faça descer sobre todos nós os seus benfazejos fluidos, para que unindo-nos mais ainda pela fraternidade, igualdade e o amor, sintamos a presença do nosso Irmão que também é o Cristo Salvador.

Com estas palavras quero agradecer o amável convite que me formulou o ilustre e venerável Mestre da Loja Francisco Dias da Rocha, e em nome da nossa Família apresentar os sinceros agradecimentos a quantos me deram a honra de ouvir-me, numa prova de eterna gratidão para o que me resta dizer apenas o meu obrigado.

DO AUTOR:

Fortaleza, 27 de maio de 1993.

Ilmo. Sr.

Presidente do Instituto do Ceará

Nesta Capital

Prezado Senhor.

Tenho a elevada honra de enviar a essa Insigne Associação Cultural e Histórica, cópia de despretencioso pronunciamento na Loja Maçônica **Francisco Dias da Rocha**, há pouco tempo inaugurada, para a qual fui escolhido como membro da Família, para descerrar na Galeria principal dos veneráveis, que figuram naquela Loja, a fotografia do seu inesquecível benfeitor **Prof. Dias da Rocha**, ocasião em que a pedido forneci modestamente traços bibliográficos de sua personalidade.

Desejoso agora de dar conhecimento do grande evento, peso vênia, para oferecer suscitamente detalhes, talvez, alguns subsídios da vida e obra de um dos sócios efetivos dessa Gloriosa Instituição Histórica que tanto enobrece o nosso Estado.

Aproveito a oportunidade para humildemente dizer que estou concluindo trabalho sobre a árvore genealógica da família Dias da Rocha, opúsculo por ele iniciado há mais de 60 (sessenta) anos, ou seja desde 1900, que com sua defunção em 26.07.1960, tomei a mim a digna incumbência de prosseguir a compilação esperando ter a feliz oportunidade de minudenciar as ramificações com outras famílias entrelaçadas à nossa, até então desconhecidas dos seus descendentes.

Finalmente sentir-me-ei muito honrado pela acolhida deste pequeno tributo, pelo que desde já apresento à V.Sa. e aos expressivos pares dessa Ilustre Associação, a minha admiração e cordiais agradecimentos.

Atenciosamente,

Zenilo Almada Rodrigues